



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

A violência no ambiente escolar: *Bullying* e seus desdobramentos

Gelci Saffiotte Zafani
Fabiola Colombani
Thaís Yazawa

Como citar: ZAFANI, Gelci Saffiotte; COLOMBANI, Fabiola; Thaís, YAZAWA. A violência no ambiente escolar: *Bullying* e seus desdobramentos. In: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética e decolonialidade**: contribuições para a formação de professores e a prática docente. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 125-148. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p125-148>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Capítulo 6

A violência no ambiente escolar: *Bullying* e seus desdobramentos

Gelci Saffiotte Zafani¹⁶

Fabiola Colombani¹⁷

Thaís Yazawa¹⁸

Introdução

De acordo com Abramovay (2016), a violência na escola é um fenômeno preocupante, pois descaracteriza a instituição que originalmente deve ser um lugar de amizade, boa convivência, prazer

¹⁶ Graduada em Psicologia pela (UNIMAR-Universidade de Marília), Mestre em Educação pela UNESP/Marília, Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelo (INDEP-Instituto de Ensino Capacitação e Pós-graduação em Marília). Atualmente é docente, supervisora de estágio em Psicologia Escolar do curso de Psicologia da Universidade de Marília (UNIMAR). E-mail: gelciszafani@gmail.com

¹⁷ Possui Graduação e Mestrado em Psicologia (UNESP/Assis). Doutora e Pós-doutora em Educação pela (UNESP/Marília), Especialista em Psicologia Escolar e Educacional pelo (CFP). Atualmente é docente, supervisora de estágio em Psicologia Escolar e coordenadora da clínica de Psicologia da Universidade de Marília (UNIMAR). E-mail: fabiolacolombani@unimar.br

¹⁸ Graduada em Psicologia (FAP), Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (UNESP/Bauru). Mestre em Análise do Comportamento (UEL-PR) e Experiência clínica e como docente em diversas disciplinas, experiência como supervisora clínica em ABA. Atualmente é Psicóloga Jurídica do Tribunal de Justiça de São Paulo. E-mail: tatayazawa@gmail.com

e busca pelo conhecimento e aprendizado. Atualmente, a mídia aponta um aumento da violência escolar, o que preocupa pois não se sabe ao certo o que vem provocando tais acontecimentos e se todos os problemas de convivência que a escola enfrenta, são provocados por meio de conflitos provenientes das relações ou se há influências externas.

Segundo Abramovay (2016), a violência é um fenômeno complexo e diversificado, devendo-se ter cautela ao conceituá-lo, pois é algo dinâmico e mutável, passando por transformações à medida que a sociedade se transforma, dependendo do contexto histórico, cultural, social e de outros fatores. De acordo com Díaz Aguado (2016), há necessidade de se identificar as diferentes formas de violência escolar uma vez que, muitas vezes, o que a instituição tem feito é ignorá-las ou negá-las, conduzindo-as dessa forma à justificação, manutenção e reprodução.

Vinha *et al.* (2017) apontam que reconhecer os diversos tipos de problemas de convivência faz com que as intervenções também sejam diferenciadas e resultem em aprendizagem. Ainda para Vinha *et al.* (2017), os problemas de convivência dentro da escola podem ser divididos em: **manifestações agressivas** – que seriam aquelas que utilizam o emprego da força, da agressão, dos danos à dignidade pessoal, que atentam a integridade física-moral- psicológica – e **manifestações perturbadoras ou indisciplinadas** – que estariam relacionadas à desordem, ao desrespeito às normas elaboradas coletivamente, ao enfrentamento, a comportamentos irritantes.

Abramovay (2016) classifica os problemas de convivência de acordo com a natureza apresentada, como se pode ver:

- **Microviolências ou incivildades:** são infrações que perturbam a ordem estabelecida, como agressões verbais,

xingamentos, humilhações, falta de respeito, modo grosseiro de se expressar, discussões e ofensas, que muitas vezes ocorrem por motivos banais, mas que rompem com os laços sociais, de modo que acabam se naturalizando, causando medo e insegurança e fragilizando, dessa forma, a instituição;

- **Violências simbólicas e institucionais:** estão relacionadas ao modo como a escola se organiza, funciona e trata os estudantes, estabelecendo muitas vezes relações simbólicas de abuso de poder;
- **Violências duras:** são episódios que podem causar danos irreparáveis ao indivíduo e que necessitam de intervenção do estado. São atos infracionais, crimes, como agressões físicas, roubos, homicídios, tráfico de drogas, uso de armas e outros.

Além dessas, outras violências permeiam o universo escolar, como o racismo, a homofobia e as discriminações e intimidações sistemáticas (*bullying*), sendo essas últimas o enfoque deste capítulo.

Portanto, Vinha *et.al* (2017), aponta que o problema do aumento da violência escolar é controverso, que requer uma análise cuidadosa, pois os autores em suas pesquisas demonstram que não há um aumento da violência dura, e, sim, de outros tipos de conflitos, como agressões verbais, insultos, provocações e outros. Já Abramovay (2016) ressalta que se faz importante a escola conseguir distinguir os tipos de violência escolar para buscar a compreensão do fenômeno, contribuindo para a prevenção de situações de violência e analisando a conexão do ambiente escolar com o episódio.

O fenômeno *bullying*

Uma preocupação mundial que chama a atenção de pesquisadores de diversas áreas como psicologia, educação e saúde é o fenômeno *bullying*.

Bullying é um tipo de violência caracterizada como uma forma perversa de relação interpessoal, de dominação de um parceiro, humilhando-o, intimidando-o e excluindo-o do grupo, tratando-se muitas vezes de um problema silenciado. (Del Barrio, et. al 2003). Esse fenômeno foi inicialmente mencionado por Olweus (1978) como *bullying* (*bullying*, do inglês *bull*, “touro”, “valentão”), que se diferencia de outras condutas violentas por fazer parte de um processo com características que aumentam sua gravidade, dentre elas, a repetição e o fato de se tratar de um fenômeno que ocorre escondido das figuras de autoridade e que muitas vezes se apresenta por meio de violência simbólica.

Fante (2005, p.24), uma das primeiras pesquisadoras brasileiras sobre esse fenômeno, aponta que o *bullying* pode ser definido como “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão”.

De acordo com Souza (2019) e Fante (2005), pela complexidade do fenômeno atribuído ao termo, as línguas latinas ainda não conseguiram uma tradução literal que represente de fato tal situação e sua dimensão dentro dos tipos de violência.

Olweus (2013) observa que há três critérios fundamentais para a caracterização do fenômeno, como intencionalidade, desequilíbrio de poder e repetição, são eles:

● A intencionalidade

Segundo Olweus (2013), o *bullying* é caracterizado como um comportamento agressivo, com intenção ou desejo de ferir ou causar dor emocional e desconforto a alguém. Olweus (2013) aponta também, que algumas pessoas questionam a intencionalidade do ato, relatando a dúvida em saber se o autor realmente teve a intenção de prejudicar o outro. Diz ainda que, se essa característica faz parte da definição, então os pesquisadores deveriam descobrir uma forma de avaliá-la ou documentá-la. E argumenta que essa questão de intencionalidade tem um grande histórico de discussão e que ela não deve ser baseada no relato do autor e, sim, do entendimento do contexto. Observa, também, que alguns pesquisadores defendem que, se o alvo entende que esse comportamento é indesejado, já se caracteriza como *bullying*.

Tognetta, Vinha e Bozza (2014, p. 203) salientam que os “autores do *bullying* escolhem “a dedo” quem serão seus alvos, e que esses são exatamente escolhidos por razões psicológicas, pois parecem concordar com a imagem que lhes é atribuída, ainda que inconscientemente.” Portanto, a busca é um alvo frágil e suscetível, para ofender, intimidar, humilhar, menosprezar e diminuir, pois somente permanecem na condição de vítimas aqueles que se sentem inferiores pelas diferenças físicas, de gênero, de orientação sexual, de condição socioeconômica ou cultural. Enfim, aqueles que se sentem inseguros com relação ao respeito que nutrem por si mesmos, não encontrando forças para lutar contra seus agressores. (Tognetta; Vinha; Boza, 2014).

● O desequilíbrio de poder

Díaz-Aguado (2016) ressalta que uma das características desse fenômeno é a relação de desequilíbrio de poder entre um “valentão”, geralmente apoiado pelo grupo, e sua vítima indefesa, que se sente incapaz de sair dessa situação. Esse desequilíbrio é uma das características que mais o diferencia de outras formas de violência.

No entanto, Olweus (2013) chama a atenção para o fato de que nem sempre é fácil notar esse desequilíbrio de poder, pois não se trata apenas de questões objetivas como força física ou diferença em números (mais autores para menos alvos), mas que pode estar associado a fatores não objetivos, como diferença na autoconfiança, popularidade, status no grupo e outros.

Outro aspecto importante a ser analisado, ainda de acordo com Olweus (2013), é a percepção do alvo de como seria difícil para ele se defender com sucesso das atitudes dos autores.

● A repetição

De acordo com Tognetta e Rosálio (2013), esse fenômeno ocorre escondido dos olhos das figuras de autoridade e funda-se na repetição. Não é um acontecimento isolado, é repetitivo e prolongado, tendendo a situações cada vez mais graves; costuma implicar diferentes tipos de condutas violentas, inicialmente com agressões sociais e verbais, posteriormente coações e agressões físicas e, na última década, por meio de tecnologias, transformando-o em *cyberbullying* como se verá mais adiante (Díaz-Aguado, 2016).

No entanto, Del Barrio *et al.* (2005), diferentemente de outros autores, defendem que a repetição é uma característica

provável, mas nem sempre está presente. Alegam que uma única agressão pode acontecer de modo tão intenso que pode ser o suficiente para estabelecer uma relação de dominação duradoura. Frick (2019) aponta que, se for considerada apenas a necessidade de repetição, corre-se o risco de se desconsiderar outras agressões que também são *bullying*, colaborando com a manutenção dessa cultura como um fenômeno menos grave, já que acontece “apenas” uma ou duas vezes. Afirma, então, que é preciso olhar sob o ponto de vista de quem sofre as agressões, pois se essa agressão sofrida causou um dano físico ou psicológico constantemente vivenciado na memória do alvo, deve ser caracterizada sim como *bullying*.

Desta forma, o critério de repetição deve ser avaliado com cautela. Tognetta, Vinha e Bozza (2014) salientam outras características além das definidas por Olweus para definição do *bullying*, sendo elas: uma violência que ocorre entre pares, ou seja, não há desigualdade de poder instituído ou de autoridade; é necessário um alvo frágil, pois somente permanecem na condição de vítimas, aqueles que se sentem inferiores, inseguros e com imagens negativas a respeito de si mesmo; e, por último, o que prevalece para o autor do *bullying* é a necessidade de manter uma boa imagem diante dos outros.

Outro aspecto que vem chamando a atenção de alguns pesquisadores é um terceiro envolvido no conflito: os espectadores. Aqueles que muitas vezes testemunham as agressões e se mantêm omissos. Frick (2019) afirma que há tempos o fenômeno do *bullying* já não é mais considerado apenas como um problema envolvendo a díade autor-alvo, e, sim, um fenômeno de relações em grupo.

Tognetta e Rosário (2013) apontam que tanto quem ataca quanto quem sofre o ataque está sob os olhos de seus iguais. De

acordo com estudo realizado por Tognetta, Avilés e Rosário (2013 *apud* Silva, 2019), que procurou evidenciar a participação e a relação entre agressores, vítimas e espectadores em situações de intimidação em escolas públicas e privadas no Brasil, constatou-se que 15,9% autodenominaram-se vítimas, 19,5% disseram ter participado como autores e outros 62,8% relataram serem espectadores, apenas assistindo às cenas de abuso e maus-tratos, portanto, que presenciaram, mas não tiveram uma participação efetiva.

O *bullying*, assim, expande-se para além da díade agressor/vítima: expande-se para os espectadores. E esses últimos têm ganhado destaque na investigação do fenômeno pelo fato de as respostas dessas testemunhas contribuírem para aumentar ou reduzir o problema (Souza, 2019).

Segundo Tognetta e Vinha (2009), não há *bullying* se não há um grupo que assiste quem ironiza, quem age com sarcasmo. Os autores do *bullying* precisam fazer com que seu público os venere, necessita de espectadores e validação do grupo. Eles precisam se sentir aceitos e valorizados pelos colegas. Dessa forma, uma das maiores recompensas que se observa em relação ao autor do *bullying* é que ele, para se sentir superior perante o grupo, precisa ver o outro diminuído.

Muitas vezes esse público, com medo de se tornar a próxima vítima, parece concordar com as ações dos autores pela indiferença ou por pura aceitação. Portanto, a escola, com seus diversos contextos de relações entre grupos, é um espaço em que esse tipo de violência pode se desenvolver e já se desenvolve. É um espaço no qual é preciso trabalhar muito mais do que ações pontuais como palestras. É necessário trabalhar as relações interpessoais, a convivência ética e o fortalecimento do protagonismo infanto/juvenil, capazes de

desenvolver em todos o sentimento de indignação mediante esses comportamentos.

Sobre as características dos agressores

De acordo com Díaz- Aguado (2016), dados de pesquisas demonstram características em comum nos adolescentes que iniciam e protagonizam o *bullying* escolar, ação que deveriam ser erradicados pela escola e pela família:

- Forte identificação com o modelo social baseado no domínio e na submissão, tendo tendência a abusar da força e a justificar a violência e a intolerância em diferentes tipos de relação, com uma tendência a serem mais racistas, xenófobos e sexistas;
 - Dificuldade para se colocar no lugar do outro e falta de empatia, sendo seu raciocínio moral algumas vezes mais primitivos do que o de seus companheiros, justificando fazer aos outros o que lhes fazem ou o que acredita que lhes fazem, levando-os a agir por vingança, tendo dificuldade de coordenar seus direitos e deveres;
 - Tendência a resolver conflitos com as próprias mãos: impulsividade, baixa tolerância à frustração e insuficientes habilidades alternativas à violência;
 - Geralmente têm menos habilidades sociais para resolver conflitos de forma pacífica, para deter ou evitar situações violentas. Eles aprendem a agir no estilo violento que lhes gera certas vantagens (do seu ponto de vista), não possuindo alternativas não violentas para enfrentar as situações;
 - Dificuldade para cumprir normas e mau relacionamento com os professores e outras figuras de autoridade; possuem

geralmente um desempenho escolar inferior à média;

- Escassa capacidade de autocrítica e ausência do sentimento de culpa pelo *bullying*, com o costume de responsabilizar a vítima. Demonstrem tendências a se auto afirmar por meio da violência e, com o uso dessa, aumentam a sensação de eficácia e poder;
- Parecem praticar o *bullying* como uma forma destrutiva de obter protagonismo e compensar exclusões ou fracassos anteriores;
- Dificuldades na aprendizagem de alternativas à violência na família. Os estudos realizados por Díaz- Aguado (2016) demonstram que, com certa frequência na família dos agressores, houve dificuldade para lhes ensinar a respeitar limites, existindo permissividade frente a condutas antissociais ou emprego de métodos coercitivos autoritários, dominadores e com castigos físicos.

Fante (2018) aponta que o poder do agressor é respaldado pela força física ou psicológica que exerce sobre o grupo, transformando-se num modelo de identificação a ser seguido, fazendo com que outros estudantes se juntem ao agressor por pressão ou por estratégia de defesa para não se tornarem vítimas.

Características dos alvos/vítimas

Díaz-Aguado (2016) relata que os primeiros estudos sobre *bullying* escolar detectam dois tipos de vítimas: vítima passiva e vítima ativa.

- A vítima passiva se caracteriza por uma situação de isolamento social, com escassa assertividade e dificuldade de

comunicação. Tem autoestima negativa, conduta passiva, demonstra de forma clara sentir-se inferior, insegura, com medo da violência e de não poder defender-se. Essas vítimas possuem tendência de se culpar pela situação ou de negá-la por vergonha.

- A vítima ativa ou tida como provocadora se caracteriza por ser ao mesmo tempo vítima e agressor. Vive numa situação de isolamento social e acentuada impopularidade dentro do grupo, com uma tendência excessiva e impulsiva a agir, sem elencar quais condutas seriam mais adequadas para a situação e tendo muitas vezes condutas irritantes, agindo, segundo Tognetta, Vinha e Bozza (2014), de maneira agressiva ou atrapalhada, tornando-se, dessa forma, mais “provocadoras”.

Fante (2018) salienta que a vítima acredita ser merecedora dos ataques porque acredita não ter valor. Assim, aos poucos, ela vai se afastando do grupo-classe, pois sua reputação fica cada vez pior perante o grupo, que assiste a constantes gozações, fazendo a vítima se sentir inútil, sem nada poder fazer para mudar a situação.

Características dos espectadores

Salmivalli et. al (1996), preocupados com o fato de um grande número de crianças afirmarem testemunhar o *bullying*, pesquisaram os diferentes papéis dos espectadores nas situações de agressão e investigaram como essas crianças reagem durante tais episódios e como essas reações contribuem para aumentar o problema ou para combatê-lo, identificando, desta forma, quatro funções de participantes que as crianças podem ter: assistentes de agressores, reforçadores de agressores, indiferentes e defensores da vítima.

Ainda em Salmivalli *et. al* (1996) que preocupados com o fato de um grande número de crianças afirmarem testemunhar o *bullying*, pesquisaram os diferentes papéis dos espectadores nas situações de agressão e investigaram como essas crianças reagem durante tais episódios e como essas reações contribuem para aumentar o problema ou para combatê-lo, identificando, desta forma, quatro funções de participantes que as crianças podem ter: assistentes de agressores, reforçadores de agressores, indiferentes e defensores da vítima.

- Os assistentes são aquelas crianças que se juntam aos agressores, colocando-se a favor deles;
- Os reforçadores fornecem *feedback* positivo aos agressores, estimulando-os a prosseguir, como, por exemplo, rindo ou torcendo;
- Os indiferentes se retiram das situações, ficam de fora, não tendo ação sobre o ocorrido;
- Os defensores tomam partido com as vítimas, defendendo-as.

Salmivalli (2010) observa que a defesa da vítima pelos espectadores faz com que muitas vezes se ponha fim aos episódios de *bullying* e constata que muitas vezes os espectadores não ajudam a vítima por acharem uma situação perigosa ou prejudicial, pois temem se tornar alvos. Outro ponto é a existência de uma difusão de responsabilidade, pois, como eles não se sentem responsáveis, esperam que outra pessoa aja. Como geralmente os agressores são considerados populares e poderosos, é difícil frustrar seu comportamento, o que faz com que os espectadores muitas vezes se afastem da vítima.

Salmivalli *et. al* (1996), afirmam que se torna de suma importância, portanto, a observação das reações dos espectadores para maior compreensão do impacto e da propagação desse fenômeno.

Bullying: possíveis causas

Frick (2019) aponta que, na literatura científica, o fenômeno *bullying* não é algo natural, não é algo que se refere apenas a desvios de comportamento e de indisciplina, nem tampouco “brincadeiras da idade”. É que, mesmo que se apontem fatores de risco como ser estudante novo na escola ou como ser detentor de temperamento impulsivo, não se pode usar isso para justificar esse tipo de agressão.

É preciso ter cautela ao encarar determinados perfis como determinantes das agressões, que significa apontar como causa as características dos sujeitos envolvidos, desconsiderando a complexidade de fatores que envolvem as relações entre crianças e adolescentes (Frick, 2019).

Avilés (2018) descreve o *bullying* como um fenômeno multicausal em que, além de fatores individuais, há a presença de fatores de risco nomeados como: culturais, sociais, familiares e escolares.

Culturais: como cultura à violência, à agressividade, à competitividade, a relações homofóbicas;

Sociais: como valores não morais aceitos pelo grupo, como cultura ao corpo, status social, individualidade;

Familiares: como modelos de educação autoritária, permissiva ou negligente, falta de diálogos; tipo de relação estabelecida com a família e com a comunidade, entre outros.

Escolares: como tolerância às agressões, valores cultivados dentro da escola, relações estabelecidas, falta de canais de comunicação, tipo de normas existentes e como foram construídas.

Fante (2018) aponta, em relação às causas da ação do agressor, a necessidade que ele tem de reprodução da violência sofrida tanto em

casa como na escola, fazendo incorporar uma dinâmica psíquica mandante de suas ações e reações e a ausência de modelos educativos humanistas, capazes de estimular a convivência pacífica pautada em valores.

De acordo com Avilés (2018), as escolas dedicadas à convivência e à prevenção devem desenvolver linguagens coerentes com tais políticas, dentre elas o incentivo ao protagonismo juvenil na resolução de conflitos, a proposta de trabalho cooperativo e colaborativo, a gestão das relações interpessoais, o tratamento da convivência e a prevenção de abuso e assédio no cotidiano escolar.

Tognetta e Rosário (2013) afirmam que o *bullying* é um problema moral que remete à falta de valores em jogo, o respeito e a justiça, enfatizando que o ambiente escolar tem papel preponderante na formação moral do sujeito.

***Bullying* e suas consequências**

Díaz-Aguado (2016) relata que, assim como outras formas de violência, o bullying pode prejudicar não apenas a vítima, mas também o agressor e as pessoas que convivem com ele.

- **Na vítima**

De acordo com pesquisas realizadas por Díaz-Aguado (2016), as vítimas do *bullying* perdem a confiança em si mesmas, sofrem rejeição, possuem muito medo dos agressores, o que acarreta uma série de dificuldades acadêmicas e psicológicas, como evasão escolar, baixo rendimento, baixa autoestima.

Uma outra pesquisa transversal internacional envolvendo 123.227 adolescentes de 28 países na Europa e América do Norte,

com idades entre 11, 13 e 15 anos, também concluiu haver uma associação consistente entre *bullying* e sintomas físicos e psicológicos. (Due *et. al.* 2005)

Os sintomas físicos mais frequentes verificados nesses estudos foram: dor de cabeça, dor no estômago, dor nas costas e tontura; os psicológicos foram: mau humor, sensação de nervosismo, desânimo, dificuldade para dormir, cansaço, sensação de exclusão, solidão e desamparo. De acordo com Frick (2019), no topo da lista das consequências negativas nas vítimas do *bullying* encontra-se o suicídio ou a tentativa dele, sendo o ápice do desespero de quem se vê alvo de um sofrimento que não consegue suportar e para o qual não encontra formas de solução.

- **No agressor**

Díaz-Aguado (2016) afirma que as consequências do *bullying* no agressor aumentam os problemas iniciais que o levaram a praticá-lo, diminuindo sua capacidade de compreensão moral e empatia, acabando por se identificar com um perfil violento de interação e dificultando as relações positivas, fazendo com que, em idades posteriores, cometa diferentes tipos de violência, como violência de gênero e assédio no trabalho.

Fante (2018) observa que as pesquisas demonstram que os agressores envolvidos no fenômeno estão propensos a tornar-se delinquentes, a fazer uso de drogas, a ter porte ilegal de armas, a cometer agressões sem motivo aparente, a crer que devem levar vantagem em tudo, entre outros.

- **Nos espectadores**

As pessoas que não participam da violência de forma direta, mas convivem com ela sem fazer nada para evitá-la, agem de forma omissa, podem produzir, em menor grau, os mesmos problemas que acometem a vítima ou o agressor, como diminuição da empatia, medo de se tornarem as próximas vítimas, aumento da falta de sensibilidade e falta de solidariedade, características essas que agravam o risco de se tornarem possíveis agressores no futuro (Díaz-Aguado, 2016).

De acordo com Frick (2019), os espectadores também podem se sentir culpados por não fazer nada. Desse modo, podem desenvolver um sentimento de impotência e de ansiedade por não conseguir ou não saber agir mediante essas situações de violência.

- **No contexto institucional em que acontece**

No contexto institucional em que ocorre, essa situação de violência reduz a qualidade de vida das pessoas, tornando o clima hostil, dificultando o processo de aprendizagem, a transmissão de valores, entre outros, e prejudicando a saúde física e o bem-estar emocional de crianças e adolescentes. (Frick, 2019) Frick (2019) ressalta que, num ambiente em que se tolera esse tipo de violência, em que o desrespeito seja um valor, há o risco de se disseminar o sentimento de que o *bullying* é algo natural ou de menor importância, diminuindo, dessa forma, o sentimento de indignação pelos membros do grupo.

- **No contexto familiar**

Muitas famílias sentem-se impotentes, indignadas e inseguras, agindo, às vezes, por vingança, incitando os filhos a revidar com violência, numa tentativa desesperada de cessar a violência (Frick, 2019).

Ainda de acordo com Frick (2019), cabe à escola acolher esses pais para que tenham seus sentimentos respeitados e para que sejam orientados sobre como lidar com essas situações e sobre como colaborar, a fim de elevar os sentimentos de sensibilidade moral e os de autoestima dos filhos, fazendo com que eles se sintam apoiados e seguros, contribuindo, assim, para que seus filhos desenvolvam o sentimento de indignação perante situações de injustiças e de violência, encorajando-os sempre a buscar ajuda.

Bullying no contexto virtual - Cyberbullying

Com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação, a criação e o aumento do número de adeptos a redes sociais como *Twitter, Facebook, Instagram*, dentre outros, trazem uma nova forma de relacionamento entre as pessoas. Assim, velhos problemas se agravam devido às novas tecnologias, provocando o surgimento de um outro fenômeno: o *cyberbullying*.

O *cyberbullying* é caracterizado como sendo uma forma de *bullying* no ambiente virtual, ambiente esse que acarreta alguns agravantes, pois, como se sabe, com a globalização e o uso das TICs, em segundos milhares de pessoas recebem e trocam informações entre si, fazendo a proporção do problema ser muito maior.

Diferentemente do *bullying*, que tem como uma de suas características a repetição das agressões, no ambiente virtual, basta uma única veiculação da mensagem de assédio para que já haja a caracterização de *cyberbullying*, uma vez que sua propagação ocorre com rapidez, invadindo âmbitos de privacidade e segurança (Tognetta; Vinha; Bozza, 2014).

Segundo relatório da Unesco (2019), o *cyberbullying* tem se tornado um problema crescente. Pesquisas apontam que um terço dos usuários da internet possuem menos de 18 anos, demonstrando que as crianças ficam conectadas cada vez mais cedo e em maior número. Crianças e adolescentes muitas vezes fazem uso de plataformas virtuais sem a idade permitida (Facebook, Whatsapp, Instagram - 13 anos) e sem o monitoramento dos adultos, mesmo não possuindo ainda estruturas cognitivas, afetivas e morais para lidar com os conflitos que surgem no ambiente virtual (Issa; Bozza, 2020).

Dados de uma pesquisa divulgada pela Plan Internacional do Brasil (Brasil, 2009) sobre o *bullying* no ambiente virtual – *cyberbullying* – revelam que 16,8% dos respondentes são vítimas, 17,7% são praticantes e apenas 3,5% são vítimas e praticantes ao mesmo tempo.

Relatório da Unicef (2019a) exhibe pesquisa realizada com mais de 170 mil jovens de 13 a 24 anos de vários países e aponta que 37% dos jovens brasileiros que responderam à pesquisa afirmam já terem sido vítimas de *cyberbullying*, sendo as redes sociais apontadas como o lugar de maior ocorrência de casos de violência no país. Ademais, o documento aponta que 36% dos jovens brasileiros relataram já terem faltado à escola após ter sofrido *cyberbullying* por colegas de classe.

O 2º Dossiê de Intolerância nas Redes, uma iniciativa da agência de comunicação Nova/sb (2017), durante três meses, de abril a junho de 2016, analisou dez tipos de intolerância nas redes sociais em relação à aparência das pessoas, à sua classe social, às inúmeras deficiências, à homofobia, à misoginia, à política, à idade/ geração, ao racismo, à religião e à xenofobia.

Os resultados são estarrecedores, pois das 542.781 menções analisadas, verificou-se um percentual assustador de menções negativas: 97,4% em relação à classe social; 94,8% em relação à aparência; 93,9% em relação à homofobia; 93,4% em relação à deficiência; 92,3% em relação à idade/geração; 89% em relação à religião; 88% em relação à misoginia e 84,8% em relação à xenofobia.

O relatório enfatiza que a internet é um meio de comunicação amplo e que passa a visão distorcida de anonimato, de liberdade de expressão, fazendo com que as pessoas se sintam incentivadas a manifestar preconceitos. Além do *cyberbullying*, há outros tipos de violência que permeiam o *ciberespaço*: *shaming*, *sexting*, discurso de ódio, assédio virtual e outros que também precisam de atenção (Issa e Bozza, 2020).

Tognetta, Vinha e Bozza (2014) relatam que esse ambiente virtual pode se tornar um lugar de vingança, em que pessoas agredidas ou assediadas pessoalmente podem ameaçar seus agressores para compensar a agressão sofrida.

A internet torna-se, portanto, um espaço considerado “uma terra sem lei”, transmitindo às pessoas a falsa sensação de anonimato, fazendo com que os indivíduos ganhem força para falar o que não tem coragem de dizer pessoalmente, tornando-se muitas vezes um espaço de opressão, no qual, em muitas circunstâncias, o oprimido se transforma no opressor.

Diante dessas novas necessidades que se apresentam à sociedade, é preciso repensar a educação, repensar os cidadãos que se quer formar e pensar na escola como um lugar oportuno para se vivenciar o trabalho com valores humanos para uma convivência ética.

Considerações Finais

Quando se reflete sobre o *bullying*, é necessário pensar na construção de um plano de convivência ética no ambiente escolar que proporcione o desenvolvimento e a vivência de valores necessários à convivência em sociedade, como os de justiça, de respeito mútuo, de tolerância, de benevolência, de solidariedade, dentre outros.

É preciso pensar também em estratégias que envolvem ações sistemáticas que possibilitem a construção da personalidade moral, que torna os sujeitos autônomos, capazes de estabelecer um diálogo com todos os envolvidos em busca de soluções para os conflitos que emergem no cotidiano escolar, pautadas no diálogo e no protagonismo dos estudantes. A ausência de evidências de estratégias efetivas também compromete o apontamento de indicadores eficazes para se fazer uma avaliação do que se tem melhorado, em escala nacional, em relação a esse grave problema que se apresenta nas escolas.

Ademais, é preciso que haja mecanismos de denúncia para que os estudantes saibam como, quando e onde podem denunciar para contribuir com a ação consciente de combate ao *bullying*. Assim, é preciso mergulhar nos conhecimentos teóricos/científicos para que se conheça o cerne desta problemática.

A formação moral, requer práticas dialógicas e reflexivas que causem um diálogo interno, uma autorregulação do sujeito, que promovam a tomada de consciência sobre quais valores baseiam sua conduta, valores, estes, construídos coletivamente.

Pensar em políticas públicas na área do *bullying* e *cyberbullying* é outro fator imprescindível para que essas discussões e ações se aprofundem no combate ao *bullying*. Desta forma, é necessário pensar na elaboração de um plano de convivência ética com a participação ativa de todos envolvidos na escola. É pensar numa educação integral. É pensar o que está em pauta na educação escolar. É pensar que sujeito se quer formar. É pensar que tipo de relações se quer cultivar, que valores se quer construir e as formas de convivência saudável que devemos ter nas escolas.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY Miriam, coordenadora. **Diagnóstico participativo das violências nas escolas: *falam os jovens***. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC; 2016.

AVILÉS, José Maria, **Os Sistemas de Apoio entre Iguais na Escola: Das equipes de ajuda à cybermentoria**. Americana: Adonis, 2018.

BARRIOS; GUTIÉRREZ; BARRIOS; MEULEN; GRANIZO. **Maltrato por abuso de poder entre escolares, ¿de qué estamos hablando?**. *Pediatría de Atención Primaria*. 75-100, 2005.

DÍAZ-AGUADO, M. J. **Da violência escolar à cooperação na sala de aula**. Americana-SP: Adonis, 2016. (Adaptação Alessandra de Moraes, Flávia M. C. Vivaldi; tradução Neide Scomparim Fagionatto)

DUE P, HOLSTEIN BE, LYNCH J, DIDERICHSEN F, GABHAIN SN, SCHEIDT P, CURRIE C. Health *Behaviour in School-Aged Children Bullying Working Group. Bullying and symptoms among school-aged children: international comparative cross sectional study in 28 countries*. Eur J Public Health. 2005 Apr;15(2):128-32. doi: 10.1093/eurpub/cki105. Epub 2005 Mar 8. PMID: 15755782.

FANTE, Cleo; PRUDENTE, Neemias Moretti (Orgs.). **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2018.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.

FRICK, Loriane Trombini. **Prevenção e contenção do bullying escolar: ações teóricas e governamentais no Brasil e na Espanha**. Curitiba: CRV, 2019.

OLWEUS, Dan. **Aggression in the schools: bullies and whipping boys**. Washington, DC, Hemisphere Press (Wiley), 1978.

OLWEUS, Dan. **The plight of victims of school bullying: the opposite of well-being**. In Handbook of Child Well-Being, ed. B-A Asher, F Casas, I Fronès, JE Korbin. Heidelberg, Ger.: Springer. In press, 2013.

SALMIVALLI, Christina.;LAGERSPETZ, Kirst.; BJÖRKQVIST, Kaj.; ÖSTERMAN, Karin.; e KAUKIAINEN, Arin. (1996). *Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group*. *Aggressive Behavior*, 22(1), 1– 15. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1996\)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T)

SALMIVALLI, Christina. *Bullying and the Peer Group: A Review. Aggression and Violent Behavior*, 15(2), 112- 120, 2010.

SAFERNET BRASIL. **Discurso de ódio**. 2019. Disponível em: <http://saferlab.org.br/o-que-e-discurso-de-odio/index.html>. Acesso em 04 maio 2019.

SILVA, Jorge Luiz; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; BONO, Elvio Luciano; DIB, Marina Azôr; BAZON, Marina Rezende; SILVA, Marta Angélica Iossi. **Associações entre *Bullying* Escolar e Conduta Infracional: Revisão Sistemática de Estudos Longitudinais. Psic.: Teor. e Pesq.** Brasília, v. 32, n. 1, p.81-90, Mar. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722016000100081. Acesso em 17 nov. 2020.

SOUZA, Raul Alves de. **Quando a mão que acolhe é igual a minha:** ajuda em situações de *(cyber)bullying* entre adolescentes. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Araraquara, 2019.

TOGNETTA, Lucienne Regina Paulina.; VINHA, Telma. Patrícia. BOZZA, T. L. **Esses adolescentes de hoje... convivem com bullying na escola?** In: TOGNETTA, L. R. P.; VICENTIN, V. F. *Esses adolescentes de hoje... o desafio de educar moralmente para que a convivência na escola seja um valor.* Americana: Editora Adonis, 2014. P. 199 a 234.

TOGNETTA, Lucienne Regina Paulina. ROSÁRIO, P. **Bullying como um problema moral:** representações de si e desengajamentos morais de adolescentes envolvidos em situação de violência entre pares. Relatório de pesquisa de Pós-doutorado, 2013.

ISSA; BOZZA. **Ciberagressão e cirberempatia:** a vida virtual entre os alunos. In: TOGNETTA, L. R. P (Org). *Bullying e Convivência: em tempos de escola sem paredes*. Americana: Editora Adonis, 2020, p. 69 a 90.

UNICEF. **Relatório internacional “Pondo fim à tormenta:** combatendo o *bullyin* do jardim de infância ao ciberespaço”. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pesquisa-da-onu-mostra-que-metade-das-criancas-e-jovens-domundo-ja-sofreu-bullying>. Acesso em 02 de out. 2019.

VINHA, Telma.; NUNES, C. A. A.; SILVA, L. M. F.; VIVALDI, F. M. C.; MORO, A. TOGNETTA, Lucienne Regina Paulina. P.; MENIN, M. S. S. (Org) **Da escola para a vida em sociedade: O valor da convivência democrática**. Americana, SP: Adonis, 2017.

VINHA, Telma; TOGNETTA, Luciene Regina Paulina. **Construindo a autonomia moral na escola:** os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. *Revista Diálogo Educacional*, [S.l.], v. 9, n. 28, p. 525-540, jul. 2009. ISSN 1981-416X . Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3316>. Acesso em: 17 nov. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/rde.v9i28.3316>.

UNESCO, 2019. **VIOLÊNCIA escolar e bullying:** relatório sobre a situação mundial. Disponível em: <https://prceu.usp.br/repositorio/violencia-escolar-e-bullying-relatorio-sobre-a-situacao-mundial/>